

## LITERATURA EM SALA DE AULA: UMA AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO

## LITERATURE IN THE CLASSROOM: A TEACHING PROCESS EVALUATION

Melina Cristina Costa Prado<sup>1</sup>  
Enes Carvalho Freire<sup>2</sup>  
Kellen Millene Camargos Resende<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetivou analisar o modo como o ensino de Literatura é aplicado nas escolas da rede pública em diferentes turmas do Ensino Fundamental e Médio. Buscou-se observar se a literatura é trabalhada como pretexto para o ensino de gramática, preenchimento de fichas de leitura, ou para a formação efetiva de leitores. Os resultados desta pesquisa trazem consigo análises de dados mediante o método comparativo, com enfoque qualitativo e quantitativo. Os resultados podem auxiliar professores e alunos a desenvolverem uma concepção consciente da importância do estudo literário, mediante esta breve reflexão bibliográfica e observação da realidade em sala de aula.

**Palavras-chave:** Literatura. Leitura. Aluno. professor.

**Abstract:** This paper aims to analyse the way Literature has been taught in public schools, in different groups of Junior and High School. This research intends to observe if literature has been taught as a means of grammar teaching and ‘filling up book reports’ or a means of effectively developing readers. The results of this research were made up by a data analysis within the comparative method, in a qualitative and quantitative approach. These results can aid teachers and students to develop an awareness towards the importance of literature study, through this brief theoretical reflection and classroom environment observation.

**Keywords:** Literature. Reading. Student. Teacher.

### 1 Ensino de literatura

---

<sup>1</sup> Bolsista PVIC. Aluna de graduação em Letras Português/Inglês na UEG – UnU-Inhumas. E-mail: [eunocomputador@hotmail.com](mailto:eunocomputador@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pesquisadora voluntária. Aluna egressa de Letras Português/Inglês na UEG – UnU-Inhumas. E-mail: [enesfreire@gmail.com](mailto:enesfreire@gmail.com).

<sup>3</sup> Coordenadora-líder da pesquisa. Doutoranda em Estudos Literários pela UFG. Professora de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas. E-mail: [kellenmil@gmail.com](mailto:kellenmil@gmail.com).

Vista como uma forma ativa e variada de sentidos, temas, elementos e expressões, a leitura encontra na literatura motivos para que o indivíduo observe melhor as pessoas e as situações que o envolvem, de modo a avaliar e ser capaz de compreendê-los. Assim, a literatura é uma ferramenta que auxilia o desenvolvimento da leitura.

Este trabalho busca analisar o modo como o ensino da Literatura nas escolas da rede pública se desenvolve. Foram observadas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental; e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, de duas escolas localizadas na região periférica de Goiânia.

Primeiramente, fez-se a análise de alguns estudos teóricos que discutem a importância da literatura, como e qual tem sido o desenvolvimento dentro das salas de aula, quais os métodos utilizados pelos professores e quais influências a leitura tem ocasionado nos estudantes das diferentes turmas, dentro e fora da instituição escolar.

Mesmo a literatura sendo ficcional, não significa que nela não se possa encontrar fatores históricos, sociais ou humanos. Ao mesmo tempo em que se reflete como realidade vivida, Literatura também pode ser o contrário: a fuga da realidade, ou mesmo a representação de ideais e expressão de pensamentos por meio das palavras.

Vários significados ou conceitos sobre Literatura poderiam ser expostos, baseados desde Aristóteles (antiguidade clássica) com a arte como mimese até, por exemplo, Oswald de Andrade (séc. XX), o qual afirmava que a poesia existe nos fatos, ou, ainda, com uma definição de Beth Brait, contemporânea, ampla e nem por isso definitiva, com a ideia de que “A literatura [...] é uma das possibilidades de exploração da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos”. (BRAIT, 2003, p. 19).

Ao analisar poemas como “O assassino era o escriba”, de Paulo Leminski, “Erro de português”, “O gramático”, “Via Láctea”, “O capoeira” e “Pronominais”, de Oswald de Andrade, Beth Brait (2003) procura demonstrar uma maneira especial utilizada por alguns escritores de articular a língua e a literatura e demais pontos que envolvem as duas áreas, de modo que as particularidades linguísticas são caracterizadas pela transformação e exposição de marcas de uma identidade nacional, seja o primeiro poema pela utilização do léxico das aulas de análise sintática e pela forma narrativa em que é organizado, ou mesmo pela preocupação linguística brasileira revelada pelo segundo escritor e que continua a ser discutida mesmo nos dias atuais.

Os questionamentos da autora, ao discutir os poemas e demais tipos de textos que apresenta, fazem pensar no quanto a literatura, vista em sala de aula, parece ser apavorante, posto que as atividades realizadas com o texto, geralmente, baseiam-se em resumos,

relatórios, preenchimento de fichas e exercícios que são denominados nos livros didáticos como “interpretação de texto”, mas que antes mesmo de chegar a esse fim, não tem estímulo suficiente para tornar o texto compreensível aos alunos.

Pode-se, ainda, encontrar questões de interpretação textual que vão, aos poucos, respondendo às próprias perguntas feitas anteriormente e que, em vez de estimular os alunos à leitura do texto, faz com que estes aprendam a lidar com as “manhas” existentes em suas atividades, mas, todavia, não leva à compreensão do que leem. Não é preciso muita esperteza por parte do aluno para que, antes mesmo de começar a ler o poema e as questões referentes à sua interpretação, seja lido logo abaixo todas as respostas necessárias para a elaboração de seu exercício.

Em *Oficina de leitura*, Ângela Kleiman (2001, p. 9) sugere que se desambientize sistematicamente as palavras leitura e aprendizagem, pois, segundo a autora, passaram a representar o que de pior há no ensino de língua materna na escola, violentando tanto o sentido de ensino e aprendizagem quanto o de leitura.

A autora aponta, em relação ao processo de desenvolvimento de estratégias de leituras eficientes, o fato de que o professor deverá definir tarefas várias, não somente aquelas que são apresentadas pelo livro didático, mas criar maneiras de complicá-las cada vez mais, ou seja, aumentar cada vez mais o nível de compreensão.

Para tanto, julga ser essencial a interação do educando com o educador, a fim de que este crie condições para que o aluno volte ao texto e o compreenda, visto que assim “a criança estará se formando como leitor [...] construindo seu próprio saber sobre o texto e a leitura.” (KLEIMAN, 2001, p. 9).

Um dos motivos pelo qual o aluno apresenta sinais de desinteresse e desânimo pelo texto é justamente pelo fato de esta prática não lhe fazer sentido. Kleiman afirma: “Ninguém consegue fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido”, portanto, cabe ao professor “negociar para poder ensinar a ler”, é preciso quebrar barreiras da resistência do próprio aluno. (KLEIMAN, 2001, p.16). Lajolo também afirma que todas “as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior.” (LAJOLO, 1998, p. 62).

O professor pode, assim, fornecer modelos de estratégias específicas, fazendo com que o aluno se interaja com o texto, com o professor e com o restante da turma, inclusive porque “para elaboração de uma hipótese de leitura é necessário ativar o conhecimento prévio

do leitor sobre o assunto” até que este se torne um “leitor experiente”, ou seja, até que sua leitura se torne uma atividade consciente, reflexiva e intencional. (KLEIMAN, 2001, p. 56).

Geraldi e Fonseca (2001, p. 107) também acreditam que leitura é um processo de interlocução entre leitor/texto/autor e que o aluno-leitor não é passivo, mas o agente que busca significações por meio da intimidade com os textos.

Ambos os autores apontam para o fato de que a leitura como estudo de texto é mais praticada em aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa. Deve-se lembrar que, principalmente em escolas públicas, a leitura é dada com o auxílio do livro didático. No caso do Ensino Médio, o manual didático é um volume único, que serve para os 1º, 2º e 3º anos. Pode-se, dessa forma, confirmar que a Literatura aplicada nesta fase, além de ser bastante precária (visto que se junta à gramática), é também deficiente quanto a estudos aprofundados. Essa deficiência acaba repercutindo em toda a vida do aluno, pois forma nele a ideia de que leitura é algo realmente chato.

As grandes barreiras para se formar um leitor acentuam-se, sobretudo, nos últimos anos do Ensino Médio, porém, trata-se de uma consequência da falta de contato dos alunos com os livros na fase do Ensino Fundamental. A ideia de dar mais prioridade à gramática ou trabalhar com textos como pretexto para outras atividades, tem sido um meio de afastá-los cada vez mais da leitura e de impedir que a imaginação tenha o sentido necessário para uma atividade de produção textual ou interpretativa.

De acordo com as observações realizadas em sala de aula, a produção de textos tem se apresentado tão deficiente quanto o ensino da própria literatura ou da leitura de outros gêneros textuais. Além disso, quando o texto é utilizado para a produção de um outro, o aluno apresenta dificuldade de expressar seu pensamento e acaba por produzir textos sem coerência e coesão.

Nas aulas de observação, foram acompanhadas algumas propostas de estudos individuais e em grupos. Nos dois casos, houve pontos positivos e negativos. Quando em grupo, os alunos discutiam, mas nem todos participavam da elaboração do texto. Quando se baseavam em um outro texto, demonstravam a mesma ideia, mudando apenas o nome dos personagens. Quando em trabalho individual, apresentavam dificuldade quanto à exposição de ideias; usavam linguagem coloquial e, geralmente, não demonstravam pensamento crítico.

A Literatura como uma disciplina que envolve conhecimentos variados, necessita de complementação teórica que facilite a compreensão do aluno com o texto, principalmente por estar sendo preparado para o ensino superior. O professor pode, assim, fornecer materiais que

facilitem a compreensão e façam com que o aluno se sinta motivado a buscar novas fontes para sanar suas dificuldades e curiosidades. Conforme expõe Mazzoni (2003, p. 1), na “formação intelectual, que envolve um processo lento e contínuo é necessário que o professor esteja qualificado e apto a motivar alunos com pensamentos mais críticos, e para que estes busquem seu próprio conhecimento intelectual.”

A autora propõe, ainda, uma ampliação quanto às obras literárias femininas, pois acredita ser um dos meios para que os professores se conscientizem quanto à necessidade de transformação do ensino de nossa literatura. Faz-se necessário ampliar o conhecimento de nossos alunos e proporcionar-lhes uma visão social, uma vez que é desvalorizada dentro e fora das salas de aula. Conforme Antonio Candido, “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” e, portanto, envolve fatores sociais, históricos, sentimentais, econômicos, políticos, culturais etc. (CANDIDO, 2000, p. 20). Nesse sentido, a palavra é justamente essa “comunicação inter-humana”, e como obra de arte, é algo muito mais amplo que vivências do artista, pois envolve todos os elementos do processo comunicativo.

Ao levar o leitor a perceber tal fato, o autor propõe exagerar essas “verdades” a fim de que o aluno se sinta interessado em analisar não somente a intimidade das obras, como também os fatores internos que participam de sua construção através do social e das características que tornam o texto uma obra de arte. Candido afirma que a “posição social [do artista] é um aspecto da estrutura da sociedade”. E, ainda, “o público é o fator de ligação entre o autor e sua obra.” (CANDIDO, 2000, p. 22-23).

Talvez a visão do autor se mostre fora da realidade que vemos nas escolas sobre o ensino da disciplina Literatura, mas é devido a isto que questionamos o papel da literatura em sala de aula e os métodos utilizados para sua aplicação dentro do contexto escolar.

Há vários fatores que prejudicam o ensino da disciplina. Referem-se desde as estruturas físicas da sala de aula e da escola, até fatores externos que dificultam o acesso a livros literários ou de estudos à literatura. Aos poucos, pretende-se apontá-los mais especificamente.

Para se ter ideia de como foi e tem sido tratada a literatura ao longo dos anos, Leite (2001, p. 17) demonstra que antes a literatura brasileira, a literatura portuguesa e a língua materna faziam parte de uma única disciplina: o Português. Segundo a autora, apesar de reunidas as disciplinas, eram realizadas em horários diferentes. Já hoje, a literatura nem faz parte do Ensino Fundamental, apenas ocorre a entrada de alguns livros ou de fragmentos de

textos; no Ensino Médio, porém, há o estudo da história literária ou apresentação de obras e autores sugeridos para o vestibular.

O estudo de língua continua desassociado do estudo de literatura e, assim como antes, “a língua portuguesa tende a se concentrar na gramática e muitas vezes o professor ainda utiliza o texto literário para exercitá-la.” (LEITE, 2001, p. 17-18). Ao expor algumas concepções sobre o ensino de literatura, linguagem e ensino da língua como sistema de normas, a autora diz que uma das funções da literatura é “exercitar a leitura e a escrita, para que a reflexão teórica e histórica se dê a partir de uma vivência do processo que as gera: o trabalho criativo com a linguagem, a prática da expressão livre”. Mas o que vem acontecendo é justamente o contrário, “os alunos não escrevem livremente fazem *redações*, segundo determinados moldes; não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa *mensagem* definida.” (LEITE, 2001, p. 24, grifos da autora).

Mesmo já havendo, hoje, discussões que visam superar a concepção tradicional de literatura, língua e saber, através de uma prática do próprio sujeito que deseja sair dessa alienação, ainda há muito que fazer para tornar isso presente dentro das escolas, na vida dos alunos e de toda a sociedade. Muitas vezes, esta é uma das principais barreiras para a realização desse trabalho:

A escola para a cidadania de que precisamos não é a escola que forme o gramático ou o escritor, mas é a que crie condições para que todos os alunos se tornem capazes de usar a língua para a produção de suas mensagens, com consciência de seu eu e de seus limites diante do próprio discurso e do outro. (PERNAMBUCO, 2000, p. 83).

A liberdade por meio da linguagem, dos limites impostos pela própria sociedade, responsabiliza o professor nessa dificuldade de modificação do quadro de ensino da Literatura e do próprio Português.

Ao fazer uma crítica ao caos aparente das duas disciplinas, mas principalmente à Literatura, o autor afirma que “não é exagero que se diga que se tenta ensinar literatura sem o texto na escola” (PERNAMBUCO, 2000, p. 83) e propõe, como um dos meios para melhorar a capacidade de leitura do aluno, a crítica literária. Na sala de aula, ela deveria funcionar como algo a ultrapassar a capacidade de leitura do aluno, para atingir não somente o conhecimento de Literatura, mas uma visão da realidade que o cerca.

Antes que se imagine que essa proposta forme somente críticos, o que o autor propõe é que a escola busque a qualidade da leitura, sua discussão e confronto de descobertas para que se alcance um ensino verdadeiramente produtivo da literatura e do gosto pela leitura.

Estudiosos acreditam que hoje se buscam novas formas de aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades importantes para que os alunos participem da sociedade. Assim, o professor contemporâneo visa dar condições para que o aluno “aprenda a aprender”, desenvolvendo situações de aprendizagens várias, estimulando a busca do conhecimento e o desenvolvimento de suas competências. Para tanto, uma única palavra torna-se essencial: estímulo. Essa palavra talvez alcance um motivo de ação muito mais amplo do que se imagine, sendo necessárias constantes mudanças, tanto por parte do professor como por parte do aluno.

O professor pode recorrer a várias estratégias de ação em sala de aula e de como poderia ensinar o desenvolvimento do gosto pela literatura. Pode-se afirmar uma coisa: não há uma chave, pelo menos não uma que seja capaz de abrir portas com surpresas totalmente eficazes.

Cabe ao professor observar seus alunos a fim de que consiga, sem deixá-los inibidos, despertar suas curiosidades, indo além do que o livro didático pode oferecer e buscar novos conhecimentos que possibilitem o sentido e o entendimento do que leem, a fim de que, futuramente, esse estudo continue a fazer parte do aprimoramento de cada um desses indivíduos.

## **2 Ensino de literatura na educação básica**

O projeto “Literatura em sala de aula: uma avaliação dos processos de ensino” foi desenvolvido, como já foi exposto, em duas escolas da Rede Estadual<sup>4</sup>, escolhidas após observação de aulas em turmas do 7º, 8º, 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental e Médio, sendo, contudo, duas turmas de 8º ano de escolas diferentes. O objetivo do Projeto era verificar, mediante pesquisa em campo, como a literatura é trabalhada nas atividades escolares (intra e extraclasse), e se esse trabalho tem despertado o interesse dos alunos pelos textos literários (prosa e poesia). Além disso, visou-se também investigar se a literatura está

---

<sup>4</sup> Foram escolhidas, para desenvolvimento deste Projeto, duas escolas da Rede Estadual de Ensino devido ao fácil acesso das pesquisadoras a estas instituições, o que facilitaria a coleta de dados. As observações das aulas ocorreram ao longo do ano letivo de 2008, em aulas definidas conforme o trabalho das professoras com a literatura. Aconteceu, porém, de as pesquisadoras assistirem aulas em que não foi trabalhado o gênero textual literário.

sendo trabalhada como pretexto para ensinar gramática ou como obrigação para se fazer fichas de leitura ou prova, ou como processo de formação de leitores. Deste modo, procuramos avaliar, mediante observação de aulas de Língua Portuguesa e também questionários aplicados a docentes e discentes, como tem sido o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de literatura em diferentes turmas e escolas.

Para facilitar a exposição dos dados obtidos do questionário sócio-escolar respondido pelos alunos, optamos por denominar as escolas como: escola 1 (E1) e escola 2 (E2). À escola 1, compreende a primeira turma de 8º ano do Ensino Fundamental e à escola 2, as turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, juntamente com mais duas turmas, 7º e 8º anos, do Ensino Fundamental.

As professoras, por sua vez, serão referidas como P.1 para a escola 1 e P.2 para a escola 2, havendo, porém, nesta última escola, o total de quatro professoras que contribuíram para a realização dessa pesquisa. Assim, serão denominadas da seguinte forma: P.2.1 - 7º e 8º anos, P.2.2 - 1º ano, P. 2.3 - 2º ano e P.2.4 - 3º ano.

Para os alunos, foram preparadas doze questões referentes ao estudo de Literatura, leitura, interpretação e outras que envolvem a língua portuguesa, como se poderá verificar nos gráficos. As professoras, também, responderam a um questionário, com quatorze perguntas sobre o tempo que lecionam na respectiva escola, como tem desenvolvido suas aulas, se tem feito cursos de aperfeiçoamento, se a literatura tem contribuído para despertar o interesse pela leitura, dentre outras.

Conforme os questionários respondidos pelas professoras, todas são graduadas em Letras pela UFG-GO, todas ministram aulas nas respectivas escolas há mais de sete anos.

Vale ressaltar que para as turmas de Ensino Médio há a disciplina de Literatura. Nas turmas de Ensino Fundamental, há somente a disciplina Língua Portuguesa. Cabe ao professor a tarefa de escolher quais livros pretende trabalhar durante o ano letivo e quando trabalhar.

Conforme indicam os gráficos 1 e 2, o estudo da gramática ocupa grande destaque nas aulas de língua portuguesa.



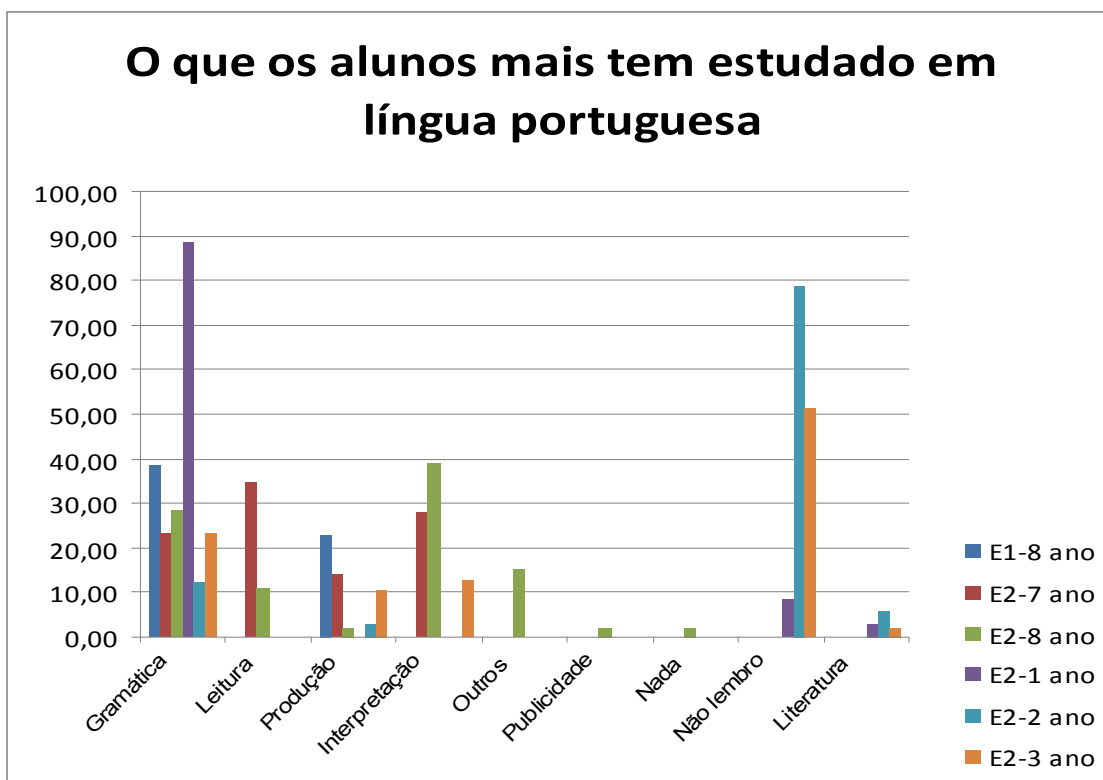


Gráfico 1



Gráfico 2

Ao observar os resultados dos dois gráficos, parece haver uma incoerência nas respostas fornecidas pelos alunos. Há elementos que chamam a atenção logo de imediato. O 8º ano da escola 1 (gráfico 1) indica que tem estudado bastante gramática. No segundo gráfico, contudo, mostra ser o que menos gosta de estudar. O 1º ano da escola dois, por sua vez, mostra que a gramática estudada é algo agradável, posto ter sido a opção escolhida pela maioria dos alunos da turma.

Quanto à Literatura, o 2º ano da escola 2 apresentou uma porcentagem bem pequena quanto a seu estudo em sala, porém, disseram ser o que mais gostam de estudar. Outro dado é bastante notável nos dois gráficos, em relação a essa turma de trinta e um alunos, cerca de 80% disseram não se lembrar do que têm estudado em sala de aula e, logo em seguida, 47% deles informaram que têm estudado bastante literatura, principalmente o que diz respeito a períodos que vão do Romantismo ao Realismo; além de gêneros textuais mais comuns em nosso cotidiano, tais como a reportagem, a crítica e a crônica.

Essa mesma turma da escola 2 não apresentou um só aluno que informou estar estudando interpretação de texto, no primeiro gráfico. Há, pois, no segundo, um resultado de mais de 8% de alunos que mostraram gostar de interpretações.

Pode-se, com isso, considerar que aquilo que sobrado de um lado tem faltado muito do outro. Vale lembrar que esses colégios são da Rede Estadual e acabaram prejudicados com a greve<sup>5</sup>, principalmente quanto ao adiantamento de conteúdos para realização de provas. Alunos e professores ficaram sobrecarregados e, pode-se dizer, ficaram obrigados a fixar um conteúdo específico para conseguir fechar notas e ano letivo, como se pôde observar nas aulas acompanhadas nesse período.

A produção de texto também foi bastante afetada no final do ano letivo. Pelo que se pode observar nas turmas de ambas as escolas, principalmente na E2 – Ensino Médio. Se a interpretação de textos tem deixado a desejar, mais ainda a produção escrita. A turma que mais trabalhou com produção textual foi o 8º ano da escola 1 e foi também a que mais apresentou resultado positivo quanto a esse tipo de atividade trabalhada em sala de aula, 65% dos alunos afirmaram gostar de produzir texto, enquanto 23% indicaram trabalhar com esse tipo de conteúdo. Na E2 – 7º ano, 13% dos alunos apontaram que tem estudado produção de texto e 12% disseram gostar de quando o professor sugere produção, principalmente aquelas

---

<sup>5</sup> A greve nas Escolas Estaduais em Goiás, no ano de 2008, foi iniciada oficialmente no dia 31 de julho e encerrada no dia 26 de setembro. Dessa forma, esse período durou cinquenta e oito dias. Estes dados podem ser confirmados no site: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/09/429627.shtml>.

que podem ser feitas em grupo, que tratam de temas atuais ou pessoais e também de dados históricos.

Um aspecto a ser considerado pelo professor é que a interpretação não deve ocorrer somente mediante a realização de exercícios e, da mesma forma, a produção textual escrita não deve ser um instrumento em que somente o professor e aquele que a produz têm acesso. Por sua vez, a gramática não deve ser trabalhada com ênfase na metalinguagem, e nem deve ocupar a maior parte das aulas, pois ela existe em todo e qualquer texto e a literatura é um eficiente meio de interligar o mundo particular de cada aluno com o exterior, como a ciência, a história, a ficção e outras áreas. Assim, no desenvolvimento das simples habilidades de leitura e escrita, o aluno entra em contato direto com a gramática da língua.

Pouco do que foi observado em sala parece coincidir com o que os alunos descreveram nos questionários, é bastante raro o trabalho de um texto que não seja utilizado para fins gramaticais.

Conforme a resposta do questionário, referente à questão “se gostam de ler”, a maioria dos alunos respondeu “sim” e preferem os livros que pegam na biblioteca ou mesmo revistas e histórias em quadrinhos, o que justifica o fato de nem sempre lerem todas as obras passadas pelo professor, devido à falta de discussão e aos exercícios que são, via de regra, obrigados a responder, seja em prova ou em atividades avaliativas.

Kleiman (2001, p. 23) diz que tanto o texto oral quanto o texto escrito tem intenções para chegar ao outro, o leitor ou o ouvinte, e quanto mais efetuada e praticada, mais o aluno estará preparado para se expressar e mais gosto terá em trabalhar com aquilo que for proposto, mesmo que sejam resumos, relatórios, preenchimentos de fichas e demais atividades comuns a seu cotidiano escolar.

Conforme o gráfico “Quantidade de alunos que gosta de ler obras literárias”, a maioria dos alunos de todas as séries entrevistadas mostrou ter gosto pela literatura, sendo que somente o 1º, 2º e 3º anos da E2 tiveram uma porcentagem bem concorrida: do 1º ano, 69% dos alunos apontaram que gostam de ler obras literárias e 27% disseram não gostar, do 2º ano teve 58% que gostam, sendo contrários 38%, e, do 3º ano, teve uma porcentagem de 60% que gostam e 33% que não gostam.

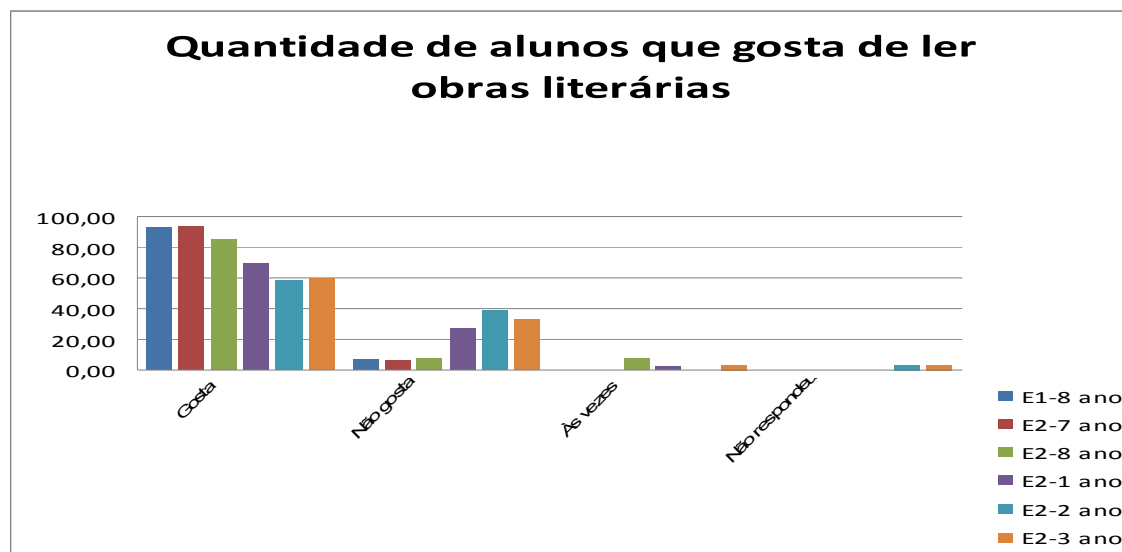


Gráfico 3

O que chama a atenção quanto a esses dados é que são justamente os alunos de Ensino Médio que apresentam maior índice de rejeição à literatura, posto que nesta fase são “obrigados”, pode-se dizer, a fazer a leitura dos livros indicados para o vestibular.

Grande parte desse resultado se deve ao fato de que o aluno não tem muito contato com livros (principalmente os literários) nas outras fases escolares anteriores. Por outro lado, nos últimos anos escolares, estudam de modo rápido e superficial, sem deixar que o gosto faça parte de seu estudo. As respostas, como vemos, indicam o que o aluno levará para o resto de sua vida o desprazer pela leitura.

Para formar alunos leitores, é necessário que o próprio professor tenha uma concepção mais clara do que seja literatura, quais suas funções, para que serve, como ela pode contribuir na vida de cada um de seus alunos etc. Os resultados dessa compreensão, porém, não são possíveis somente com conhecimentos teóricos, são, antes de qualquer coisa, alcançados pelo respeito de que os alunos possuem opiniões próprias e atribuem sentidos diferentes ao do professor a cada texto que leem.

O interesse e, quem sabe, o “prazer”, virá mediante o convívio de ambos os lados (aluno/texto/professor) com as obras literárias, através de discussões, dos possíveis sentidos atribuídos e através de estudos que o aluno mesmo se habilite a fazer para que aprofunde cada vez mais seu conhecimento e sua leitura.

O gráfico “Como é trabalhada a leitura em sua escola” mostra que alunos e professores têm efetuado mais discussões sobre um livro do que a sua leitura propriamente. O aluno faz leituras em casa para maior contato com o texto, todavia, o resultado em

comparação ao gráfico “Quantidade de alunos que gostam de ler obras literárias” é bastante controverso.

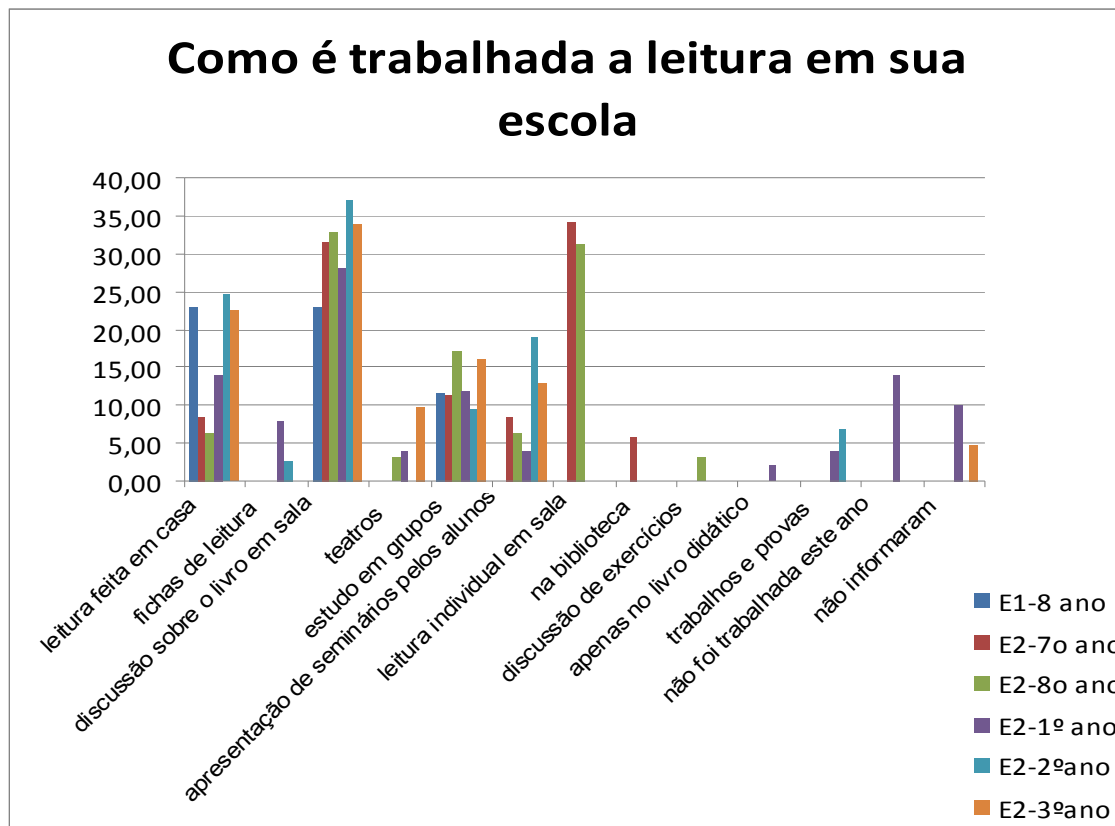


Gráfico 4

Cabe uma pergunta bastante lógica nesse momento: se a leitura tem sido trabalhada com discussões em que o aluno pode, de certa forma, expressar suas opiniões sobre o texto, e se tem tido a possibilidade de “dialogar” com a obra, por que esse estudo ainda não evidencia o verdadeiro gosto de nossos jovens pela leitura?

Apesar de esta pergunta merecer uma longa e considerável reflexão, antes de apontar algum fator, pode-se dizer que boa parte da resposta se refere ao que Fonseca e Geraldi disseram em *O texto na sala de aula* (2001): “parece que a preocupação dos professores [...] é muito mais de controle do aluno do que avaliação de um processo.” (FONSECA; GERALDI, 2001, p. 110).

As leituras feitas em casa ou discutidas em sala quase sempre visam os mesmos objetivos: “o aluno deve ler algum livro porque é importante”. Mas é difícil discutir essa

importância quando se junta a ela os meios que se tem utilizado para estudar as obras, fichas, avaliações e resumos.

Os alunos já estão cansados de realizar esses passos, por isso é frequente vê-los buscar resumos prontos na internet, ao invés de fazer a leitura do livro; ficar calados em sala de aula; colar respostas dos colegas etc.

As únicas turmas em que podemos observar que houve uma leitura em sala e também discussão foram o 7º e o 8º anos da E2, ambas as séries pertencentes à professora P.2.1. Conforme as respostas dessa professora, a chance de trabalhar com livros literários em sala de aula só surgiu porque os alunos já estavam em final de ano, posto que o fim da greve garantiu algumas aulas de reposição até em finais de semana e feriados prorrogados, caso contrário, seria como observamos, os livros teriam sido lidos em casa e com uma breve discussão antes da prova ou atividade avaliativa. Ela alegou que, apesar de anualmente chegarem novos livros à biblioteca, nem sempre são livros que os alunos gostam de ler. Aqueles que realmente têm interesse já leram a maioria das obras que correspondia ao que desejavam.

Ainda assim, a professora ousou trabalhar com livros de seu próprio acervo, aqueles que mais deveriam chamar a atenção dos alunos. Como não eram tantos estudantes em sala, visto que cada uma dessas turmas tem cerca de pelo menos trinta alunos, em período de aula normal, a professora permitiu que todos escolhessem, mas os devolvessem ao final da aula, para continuarem a leitura em aula seguinte.

Sem dúvida, o aproveitamento da leitura e a análise/discussão dessas obras lidas foram mais produtivos do que as leituras realizadas em casa. Após o término da leitura em sala, a professora marcou uma data para que houvesse uma discussão. Nem por isso a professora deixou somente a leitura em foco; a proposta feita foi que após a leitura do livro escolhido, os alunos produzissem um texto contando se haviam gostado ou não da obra, quais características principais observaram e, por fim, deviam elaborar dez questões sobre o que quisessem.

Podemos ver que os objetivos continuaram os mesmos, mas a forma de trabalhar com a leitura de livros já foi um pouco modificada, o que levou pelo menos 98% da turma a participar das aulas, a fazer suas leituras e também os exercícios.

O que determinou que esse resultado se tornasse positivo foi algo em especial: a preferência dos alunos, a liberdade em escolher o que desejavam ler e com que material desejavam trabalhar, como a produção de texto. Aquele que quis aprofundar sua compreensão

da obra acabou pesquisando informações que pudessem complementar sua leitura, tornando o texto ainda mais significativo.

Todo esse processo foi um primeiro passo, os outros a serem dados necessitam de planejamento e criatividade. O gosto pode levar tanto o professor quanto o aluno a alcançar objetivos de ensino-aprendizagem satisfatórios. Contudo, acredita-se que essa responsabilidade não é somente de professores e alunos, depende também da colaboração da direção dos colégios a fim de que consigam adquirir cada vez mais livros e garantir um trabalho eficiente que vise à formação do aluno como leitor crítico, consciente e capaz de atuar ativamente em sua sociedade. Discurso que mais parece um clichê, por ser muito usado, mas que representa, sem dúvida, o objetivo para a formação do leitor.

Para termos ideia do desprazer causado pelas cobranças dos mais variados tipos para se fazer uma leitura, podemos observar que são poucos os alunos que leem mais do que os livros escolhidos pelo professor, isso, ainda, quando o professor também planeja trabalhar mais de dois livros por ano.

O 8º ano da escola 1 teve 28% de alunos que disseram ter lido mais de seis livros no ano e o 7º ano da escola 2, um pouco mais de 6%, enquanto nenhuma turma de qualquer outra série apontou ter lido mais de cinco livros, como mostra o gráfico abaixo:

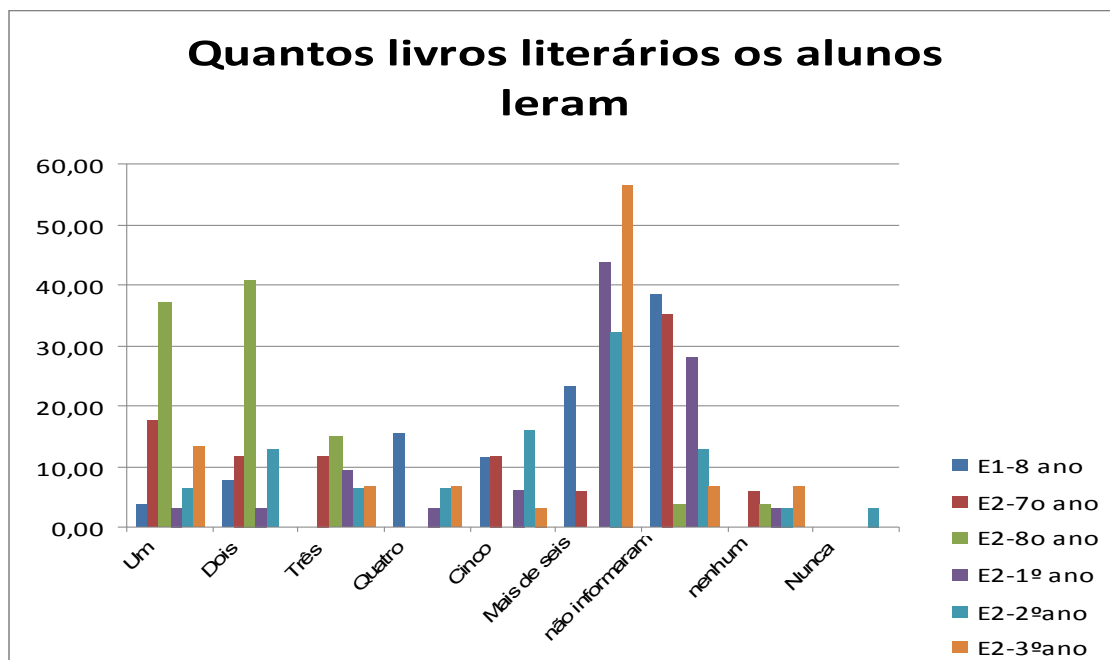


Gráfico 5

Nota-se, novamente, que as séries pertencentes ao Ensino Médio têm um baixo índice de leitura literária, ficando na média de mais ou menos quatro livros lidos durante todo o ano letivo. A leitura, por sua vez, mostra-se insatisfatória por parte dos alunos, conforme indicam os resultados do gráfico 2 “O que os alunos mais gostam de estudar”, válido tanto para a Literatura quanto para as leituras de outros gêneros textuais. Há, contudo, a exceção do 2º ano, que apresentou um índice mais elevado do estudo de Literatura no primeiro gráfico.

Estes dados comprovam que o papel do professor é fundamental para o desenvolvimento da formação do leitor e do escritor. Ele deve motivar o aluno principalmente por seu interesse ativo em relação a essas duas habilidades, ser um bom leitor e escritor.

### **3 Considerações finais**

Após o acompanhamento de algumas aulas de Literatura em turmas de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e estudos teóricos acerca do ensino de Literatura, pudemos observar como os professores têm trabalhado com a leitura em sala de aula e como os alunos têm respondido a esse estudo, se têm desenvolvido sua capacidade interpretativa através de estudos intraclasse e se isso tem repercutido no gosto literário extraclasse.

Antes de tudo, vale ressaltar que fizeram parte da pesquisa apenas duas escolas e que apesar de as pesquisadoras terem acompanhado diferentes professores e diferentes turmas, esta análise foi obtida depois da observação de quatro aulas no 7º e 8º anos e oito aulas no 1º, 2º e 3º anos, da escola 2.

Esse acompanhamento resultou na entrevista de 137 alunos no total, sendo 17 do 7º ano, 27 do 8º, 32 do 1º, 31 do 2º e 30 alunos do 3º ano. Quanto ao número de professores entrevistados, tivemos 5, posto que um deles ministrava aulas no 7º e 8º anos da escola 2.

Segundo informaram os professores, todos costumam fazer seus planejamentos logo no início do ano, fazendo alterações de acordo com o andamento das aulas (grau de dificuldade dos alunos e/ou necessidade de aprendizagem).

Durante o ano letivo, estes professores alegaram que instruem seus alunos por meio de aulas expositivas, com uso do quadro-giz; fazem atividades dinâmicas, adequadas ao conteúdo e buscam trabalhar algumas vezes em grupo, auxiliando os alunos em suas dificuldades.

As atividades de prática de conteúdo, na maioria das vezes, se realizam mediante o proposto no livro didático. Há, porém, exceção a determinados conteúdos, introduzidos com



alguma dinâmica ou com leitura de um texto, ou, ainda, com exposição oral por parte do professor seguida de discussão com a turma.

Conforme a resposta dos alunos nos questionários observou-se que praticamente todas as aulas são ministradas com o uso do livro didático, sendo os conteúdos iniciados com algum texto do livro, atividade sobre o texto, produção de texto (às vezes), estudo gramatical e atividade gramatical com e sem o uso do livro.

O gráfico 1, referente à questão “O que os alunos mais tem estudado em língua portuguesa”, indica uma resposta comum a todos os anos do Ensino Fundamental e Médio, a gramática.

Desta forma, nem a leitura, a produção, a interpretação e a literatura, como parte que envolve todos esses estudos, parece estar sendo trabalhada com frequência. Dentre as quatro aulas acompanhadas no 7º e 8º anos, somente em uma das aulas do 8º ano se trabalhou algum tipo de texto (a reportagem), ainda assim com certa dificuldade por parte dos alunos pela falta de atenção à leitura. As outras aulas corresponderam apenas a exercícios referentes aos textos lidos e ao conteúdo gramatical abordado em aulas anteriores. Nas turmas em que se comprovou uma abertura para a leitura em sala, não se pôde acompanhar essas aulas, as informações sobre a sua realização foram colhidas mediante conversas com os alunos e com o professor das duas turmas do Ensino Fundamental.

Na escola dois, tivemos vinte aulas acompanhadas em um 8º ano, contudo, somente três delas com utilização de textos literários e o restante (dezessete aulas) com textos variados, que sempre tinham o pretexto do estudo de gramática.

Quanto às turmas do Ensino Médio, em que foram acompanhadas oito aulas em cada, com professores diferentes, no 1º ano, cinco aulas envolveram leitura de texto, duas delas utilizadas para produção de texto e apresentação em sala, duas para facção de exercícios e correção, e uma aula com leitura e discussão (uso do livro didático) de reportagens feitas a respeito de “gravidez na adolescência, AIDS, ‘ficar’ e namorar”. O 2º ano teve cinco aulas com estudo da literatura, sendo a maior parte destinada ao estudo do período romântico e seus textos poéticos, vida e obra de autores como Castro Alves, José de Alencar e Visconde de Taunay, além de incentivo para leitura das obras *Iracema* e *Inocência*. O 3º ano, por sua vez, teve seis aulas envolvendo o trabalho com textos, história literária, produção e interpretação de texto.

O objetivo deste trabalho foi o de avaliar o ensino de Literatura, se ele está sendo utilizado para outros meios, tais como, resumos, fichas de leitura, pretexto para o ensino de

gramática etc. A intenção, ao observar aulas, não era o de criticar métodos utilizados pelos professores, até porque não existe uma solução que possamos considerar como única e definitiva, mas avaliar se os métodos e estratégias de ensino colaboram na aprendizagem e desenvolvimento da habilidade de leitura.

Com isso, todas as formas com as quais os professores têm trabalhado são corretas, válidas e de grande utilidade para os alunos; todavia, ainda assim, o ensino da literatura em sala de aula não tem incentivado a leitura. Os alunos deixam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio sem interesse em ler. Leem por obrigação, fator que deve ser observado atentamente para que não continue ocorrendo nas escolas.

No período de formação do leitor, precisa-se ter cuidado em relação à escolha das obras destinadas ao aluno. Seria ideal que ele lesse, no Ensino Fundamental, aquilo que gosta, para que busque na leitura a aventura e o lúdico. Assim, ele terá vontade de pegar um livro para ler como sente vontade de usar o computador para jogar e bater papo com os amigos. O livro deve dialogar com o aluno, pois se essa interação ocorrer, a escola estará ganhando uma aliada, a literatura, para auxiliar o desenvolvimento cultural, social, intelectual, histórico e, principalmente, linguístico, que tem sido a grande preocupação escolar.

#### 4 Referências

AGUIAR, V. T. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, R.; et al. (Orgs.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Ática, 2006.

BRAIT, B. Estudos linguísticos e literários: fronteiras na teoria e na vida. In: FREITAS, Alice Cunha de; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de. et al. (Orgs.). **Língua e literatura**: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio: parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 1996.

BUENO, F. S. **Dinâmica de Comunicação**: Estilística Brasileira – o estilo e sua técnica. São Paulo: Meca Ltda. (s/d).

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1986.

FONSECA, M. N. G.; GERALDI, J. W. O circuito do livro e a escola. In: GERALDI, João Wanderley. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

GENTILE, P. Fala mestre!/ Ideias claras, escrita clara. **Revista Escola**. São Paulo. p. 22-26, outubro de 2003.

GERALDI, J. W. Prática de leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. et al. (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

LEITE, L. C. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley. et al. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LOPES, M. H ; FECCHIO, M. O livro didático de português no ensino médio: um olhar sobre o enfoco estudo de literatura. **Akropolis**, Umuarama, v.15, n. 1 e 2, p. 73-76, jan./jun.2007.

MARTINS, A. A. A leitura literária nos livros didáticos. In: CARVALHO, M. A. F; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. 1. Brasília, 2001.

MAZZONI, V. S. A prática pedagógica de ensino de literatura: uma proposta de transformação. **Revista Plures – Humanidades**. Ribeirão Preto. v.4, n. 1, p. 136- 145, 2003.

PERNAMBUCO, J. Crítica literária e ensino de literatura. **Revista Fac. Claretianas**. Batatais, n. 9, p. 83- 89, jan./dez. 2000.

PURCS. **Guia de leitura para primeiro e segundo graus** / Centro de pesquisas literárias - São Paulo: Cortez; [BRASILIA, DF]: INEP, MEC, Porto Alegre; (PL, PURCS,1989.). Biblioteca da educação, série 1. Escola. v. 6.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, R; CORDEIRO, G. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre, 1985 – (Série Novas Perspectivas, 5).

SOARES, M. **Que professor de Português queremos formar?/**. Minas Gerais. Disponível em: <http://www.unb.br/abralin/index.php?id=8&boletim=25&tema=13>. Acesso 15 de setembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SOUZA, M. Z. **Literatura juvenil em questão**: aventura e desventura de heróis menores. São Paulo: Cortez, 2001- (Coleção Aprender e ensinar com textos, v. 8).

ZACARIAS, V. L. F. **Competências e habilidades**. Disponível em:  
[http://terezinhamachado.verandi.org/textos/doc\\_17.doc](http://terezinhamachado.verandi.org/textos/doc_17.doc). Acesso em: 15 de setembro de 2008.

ZILBERMAN, R. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O.; et. al. (Org.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. A leitura na escola. In: AGUIAR, V. T.; ZILBERMAN, R. et al. (Orgs.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

**Texto recebido em 15/05/09**

**Aprovado em 24/09/09**